

# A ESPIRITUALIDADE NA EDUCAÇÃO DE PAULO FREIRE E BELL HOOKS

*Teresa Christina da Cruz Bezerra\**

*Henrique de Moraes Junior\*\**

*Ivanilde Apoluceno de Oliveira\*\*\**

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é analisar a espiritualidade na educação em Paulo Freire e bell hooks. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que tem como fundamentação teórica: Freire, hooks, Oliveira, Boff, Dullo, entre outros. Considera-se nesta análise que os educadores percebem a educação como um processo de libertação de toda forma de dominação, a partir do diálogo, do desenvolvimento do pensamento crítico, da construção coletiva do conhecimento, da práxis e do respeito aos saberes e às experiências de educandos e educadores. A espiritualidade é tratada como pertencente à sala de aula de forma a garantir a integralidade, a inteireza do ser e a espiritualidade que nutre a esperança na educação como prática de liberdade.

**PALAVRAS-CHAVES:** Educação; Espiritualidade; Paulo Freire; bell hooks.

## SPIRITUALITY IN PAULO FREIRE'S AND BELL HOOKS' EDUCATION

**ABSTRACT:** The objective of this article is to analyze spirituality in Paulo Freire's and bell hooks' education. It is a bibliographical research that has as theoretical basis: Freire, hooks, Oliveira, Boff, Dullo, among others. This analysis considers that educators perceive education as a process of liberation from all forms of domination, based on dialogue, on the development of critical thinking, on the collective construction of knowledge, on the praxis and on the respect for the knowledge and experiences of both students and educators. Spirituality is treated as belonging to the classroom in order to guarantee integrality, the integrity of the being and spirituality that nurtures hope in education as a practice of freedom.

**KEY-WORDS:** Education; Spirituality; Paulo Freire; bell hooks.

---

\*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (PPGED/UEPA). UEPA. E-mail: cruzbezerrat@gmail.com. ORCID: 0000-0001-7494-0239.

\*\*Doutorando e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Pará (PPGED/UEPA). UEPA. E-mail: henriquemoraesjr@gmail.com. ORCID: 0000-0003-00092-9808.

\*\*\*Doutora em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). UEPA Docente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará – PPGED/UEPA. E-mail: nildeapoluceno@uol.com.br. ORCID: 0000-0002-3458-584X.

## Introdução

O objetivo deste artigo é analisar a espiritualidade na educação em Paulo Freire e bell hooks. Compreende-se a espiritualidade no sentido dado por Boff (2003, p.102): “atitude pela qual o ser humano se sente ligado ao todo percebe o fio condutor que liga e re-liga todas as coisas para formarem um cosmos”. E a experiência da espiritualidade pelo ser humano permite-lhe nomear esse fio condutor, assim como dialogar e entrar em comunicação com ele, sendo denominado de diferentes formas, entre as quais Deus (RODRIGUES et al, 2008).

Boff (2003) ainda destaca que a espiritualidade é exteriorizada nas religiões, que gestam esperança, salvação e o destino transcendente do ser humano, por meio de valores que tem por base o supremo valor, os quais orientam as atitudes do ser humano no mundo. Desta forma, espiritualidade, fé, religião e religiosidade se entrecruzam no pensamento educacional de Paulo Freire e bell hooks.

A espiritualidade está presente na educação de Paulo Freire por meio de conceitos cristãos como do amor, do diálogo e da esperança, da atitude ética da humanização e do respeito ao outro, bem como, de cunho marxista da dialética, da história, da práxis e da alienação presentes também na Teologia da Libertação evidenciados por meio da educação como ato gnosiológico e político, que se dimensiona na ação da igreja, na afirmação e no engajamento político com os oprimidos e os pobres.

Em bell hooks a espiritualidade advém de dimensões místicas da fé cristã e do budismo. Faz referência ao conceito de espiritualidade, proposto por Dalai Lama no seu livro “Uma Ética para um Novo Milênio”, ao considerar que:

a espiritualidade esteja relacionada com aquelas qualidades do espírito humano – tais como amor e compaixão, paciência, tolerância, capacidade de perdoar, contentamento, noção de reponsabilidade, noção de harmonia – que trazem felicidade tanto para a própria pessoa quanto para os outros (DALAI LAMA, apud, HOOKS, 2020, p. 224).

As reflexões aqui efetivadas são resultantes do levantamento de fontes bibliográficas (GIL, 2008), com a contribuição dos seguintes autores e autoras: Dullo (2014); Fleuri e Freire (2008); Freire (2018; 2013; 2011; 2000; 1997; 1983a; 1983b; 1981; 1979); Freire e Betto (1985); Jorge (1981); Löwy (1991); Oliveira (2021; 2003; 1995); e hooks (2017, 2019, 2020, 2021, 2022a, 2022b).

O artigo encontra-se organizado em quatro seções. A primeira, a “Introdução”; a segunda, a “Espiritualidade na Educação de Paulo Freire”; a terceira, a “Espiritualidade na Educação de bell hooks” e a quarta, as “Considerações Finais”.

## **Espiritualidade na Educação de Paulo Freire**

Paulo Reglus Neves Freire nasceu na cidade de Recife-Pernambuco, em 19 de setembro de 1921. Ele viveu em um lar religioso. O seu pai Joaquim Temístocles Freire era adepto ao espiritismo e sua mãe Edeltrudes Neves Freire católica (FREIRE, 1979). Assim, Freire (2011, p.27) vivenciou em sua infância um ambiente plural no qual aprendeu o respeito e a tolerância que é a “sabedoria ou a virtude de conviver com as diferenças”, entre as quais as religiosas. Ele optou pelo catolicismo enquanto criança por influência de sua mãe ao perceber qualidades nela como ser doce, boa e justa, porém afirma, em uma perspectiva existencialista: “eu sou um homem em procura de tornar-me um cristão”<sup>1</sup>, compreendendo o ser humano em um processo existencial histórico. Paulo Freire faleceu em 02 de maio de 1997, na Cidade de São Paulo.

Oliveira (2003) destaca ter o humanismo na educação de Paulo Freire uma influência cristã. Freire (1983b, p. 28) concebe o ser humano como **transcendente** e ser **inacabado**, cuja consciência de sua incompletude se contrapõe a da completude de Deus. "O homem [e a mulher] por ser inacabado, incompleto não sabe de maneira absoluta. Somente Deus sabe de maneira absoluta". Essa visão é de transcendência que está relacionada à consciência de finitude do ser humano, que possui uma ligação de libertação com o Criador, por meio do amor.

Do ser inacabado que é e cuja plenitude se acha na ligação com seu Criador. Ligação que, pela própria essência, jamais será de dominação ou de domesticação, mas sempre de libertação. Daí que a Religião — religare — que encarna este sentido transcendental das relações do homem, jamais deva ser um instrumento de sua alienação. Exatamente porque, ser finito e indigente, tem o homem na transcendência, pelo amor, o seu retorno à sua Fonte, Que o liberta (FREIRE, 1983a, p. 40).

Além da relação de transcendência proveniente desta consciência de finitude humana e de infinitude divina, Freire (1983a) compreende que as relações que o ser humano trava no mundo e com o mundo na realidade objetiva é possível de ser conhecida, apresentando conotação de transcendência. Isso significa que, existe uma pluralidade nas relações do ser humano com o mundo, que corresponde a uma ampla variedade de desafios, sem padronização de respostas, com a escolha da melhor inferência por meio da consciência crítica.

Desta forma, a captação que a consciência faz dos fatos objetivos de sua realidade é naturalmente crítica; dado que, é reflexiva, porque o ser humano é capaz de transcender. O ser humano é um **ser de relações**, porque é capaz de relacionar-se, sair de si e projetar-se nos outros; isto é, de transcender (FREIRE, 1983b).

---

<sup>1</sup> Paulo Freire em entrevista com Ligia Chippiani Leite (1979).

Deste jeito, segundo Freire (1983a, p. 40) a sua transcendência é para além de sua qualidade espiritual, fato que “permite auto objetivar-se e, a partir daí, reconhecer órbitas existências diferentes de um ‘eu’ de um ‘não eu’”. “O homem [e a mulher] pode transcender sua imanência e estabelecer uma relação com os seres infinitos. Mas esta relação não pode ser de domesticação, submissão ou resignação diante do ser infinito” (FREIRE, 1983b, p. 31).

Para Oliveira (2003), o ser humano é situado no mundo vinculado de forma ontológica com um ser que é Deus, cuja as características são transcendentais e infinitas; uma vez que, as relações humanas não se limitam apenas com o outro, mas no, com e pelo mundo. Desse jeito, a relação que o ser humano trava com Deus não é de resignação, porém de um sujeito de práxis, cujas ações reflexivas o constitui um ser histórico-cultural. O ímpeto de criar do ser humano para Freire (1983b) nasce do seu processo de inconclusão.

Freire (1983b, p. 31) compreende o ser humano como ser **consequente**, porque tem liberdade para criar e agir no mundo. E a consequência é “resultante da criação e recriação que assemelha o homem [e mulher] a Deus”. Oliveira (2003) explica que Paulo Freire resgata do cristianismo, pela compreensão de que o ser humano é um ser de consequência, o respeito ao outro e a dimensão moral nas relações humanas. O ser humano é definido por Freire (2018) como um “ser na busca constante de *ser mais*”, significando que é um **ser que busca a perfeição** por ter consciência de seu inacabamento. E essa busca de aprimoramento tem na compreensão de Deus como infinito e de completude a principal referência. O processo de busca está vinculado ao amor, a fé e a esperança, conceitos cristãos presentes em sua educação.

O amor em Paulo Freire está associado à esperança e ao diálogo. O diálogo consiste na intercomunicação entre sujeitos e o amor é “uma intercomunicação íntima de duas consciências que se respeitam [...] O amor é uma ‘tarefa’ do sujeito [...] Não se poderia buscar sem esperança” (FREIRE, 1983b, p. 29-30) por isso se “não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens [e as mulheres], não me é possível o diálogo” (FREIRE, 2018, p. 111).

E a esperança tem relação à própria essência ontológica da busca de *ser mais*. Para Freire (2018, p. 113) a esperança está na “própria essência da imperfeição dos homens [e mulheres] levando-os [as] a uma eterna busca”. Considera que sem fé na “sua vocação de ser mais [...] sem a fé nos homens [e mulheres] o diálogo é uma farsa” (FREIRE, 2018, p. 112-113).

Há em Freire (1983b, p.31) uma compreensão do ser humano como **sujeito histórico**, considerando que “se identifica com sua própria ação: objetiva o tempo, temporaliza-se, faz-se homem-história”. Assim, a educação em Freire tem no inacabamento ou inconclusão do ser humano o núcleo que sustenta o processo educacional, compreendido este como ser transcendente, reflexivo, consequente, criador (fazedor de cultura) e histórico.

Oliveira (2021) destaca que Paulo Freire compreende o ser humano em sua integralidade de ser, que conhece com o corpo, sentimentos e razão. “É como uma totalidade – razão, sentimentos, emoções,

desejos – que meu corpo consciente do mundo e de mim capta o mundo a que se intenciona” (FREIRE, 2001, p. 76).

Neste sentido, a educação freireana é humanista, porque coloca o ser humano, em sua inteireza, no centro da educação e dialógica porque implica em uma ação de busca, que é feita em comunhão com outras consciências, na situação de sujeitos históricos e éticos. É uma educação permanente, porque estamos todos nos educando, amorosa, sendo o amor pressuposto da educação, porque quem não ama não é capaz de compreender nem respeitar o próximo e da esperança, porque não é possível o ser humano buscar sem esperança. “Uma educação sem esperança não é educação” (FREIRE, 1983b, p. 30).

A educação em Freire (2018) é um ato de libertação, consiste na formação da consciência crítico-libertadora dos seres humanos, os quais exercem a práxis reflexiva no mundo, como produtores de cultura e história. Consiste em um projeto educacional vinculado ao pressuposto da Teologia da Libertação e ao marxismo ao criticar a alienação do trabalho na sociedade capitalista (OLIVEIRA, 2003). Desse jeito, de acordo com o autor, “o esforço crítico de desvelamento da realidade, que envolve necessariamente um engajamento político [...] ninguém conscientiza ninguém. O educador e o povo se conscientizam através do movimento dialético entre a reflexão crítica sobre a ação anterior e a subsequente ação no processo daquela luta” (FREIRE, 1981, p. 88).

Dessa forma, diante da realidade social de classe, injusta e desigual a liberdade se apresenta como conquista e não doação (OLIVEIRA, 2003) porque “ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não tem” (FREIRE, 2018, p. 46). Assim, aprendemos a nos libertar com luta na sociedade ao sabermos “que não somos livres! É por isso que podemos pensar na transformação” (FREIRE, 2013, p. 23). Oliveira (1995, p. 04) explica que para Paulo Freire: “a conscientização produz a ‘desmitologização’ que não pode ser provocada pelos opressores, já que estes tendem a mistificar a realidade captada pelos oprimidos. O trabalho educativo consiste então, em desmistificar as ideologias que ocultam a verdadeira realidade para o homem poder transformá-la”.

De acordo com a autora, a consciência da liberdade implica na construção de uma nova sociedade e feita pelos oprimidos à libertação de todos. Destaca Freire (2018, p. 48) que “a libertação é um parto doloroso. O homem [a mulher] que nasce deste parto é um homem [mulher] novo [nova] após a suspensão da contradição opressor-oprimidos que é a libertação de todos”. Dessa maneira, segundo Oliveira (2003), Freire coloca em questão a “generosidade” dos opressores na tarefa humanista e histórica de libertação de todos. Na visão de Freire (2018, p.42), “a grande generosidade está em lutar para que, cada vez mais, estas mãos sejam de homens [e mulheres] ou de povos, se estendam menos, em gestos de súplica. Súplicas de humildes a poderosos. E se vão fazendo, cada vez mais, mãos humanas, que trabalhe e transformem o mundo”.

Desta forma, segundo Löwy (1991), quando a igreja faz a opção pelos pobres não é como objeto de caridade e sim como sujeitos de sua própria libertação, e os pobres envolvem todos os segmentos sociais e culturais historicamente negados. Oliveira (2003, p. 56) destaca que o sujeito freireano “está

situado historicamente no mundo e *com* o mundo e, nessa relação com o mundo e com os outros seres humanos, conhece, forma-se como pessoa humana, problematiza e intervém na realidade”. Além disso, a autora explica que a generosidade é um conceito cristão, mas Freire dialoga com conceitos marxianos, entre os quais "práxis", "alienação" e "libertação", compreendendo que a conquista da liberdade pelos oprimidos implica na construção de uma nova sociedade e de uma outra relação humana. Assim, Paulo Freire em seu projeto pedagógico libertador aponta “para a importância da utopia, como ‘sonho possível’, que mistura fé e esperança com as contradições sociais e as perspectivas de transformação de uma sociedade injusta e desigual para uma sociedade verdadeiramente humana e igualitária” (OLIVEIRA, 1995, p. 5).

A autora explica que em Freire, a libertação tem caráter de resistência conscientizadora das classes populares e faz parte do processo pedagógico democrático, que perpassa pelo direito de os (as) educandos(as) dizerem as suas palavras e expressarem seus saberes e experiências de vida, por meio de uma relação dialógica. Assim, a valorização do saber popular em face da dominação do saber histórico erudito é o pressuposto de uma prática educativa libertadora; visto que, implica na questão política de confronto de classes na educação pelo poder de que se reveste o saber. Ela considera que o diálogo em Freire está relacionado com o cristianismo na perspectiva libertadora.

Deus instituiu o seu diálogo com os homens através de sua Palavra, o Filho, este Filho, Palavra do Pai e que, como escreve São João Evangelista, estava com o Pai desde o início. E neste diálogo do Pai com os homens em seu Filho Jesus Cristo, todos fomos libertados. Assim, pois, os homens só se libertarão quando forem capazes de, à imitação do diálogo divino, dialogarem entre si (FREIRE, apud, JORGE, 1981, p. 14).

Assim, a postura cristã no mundo de Freire (1997)<sup>2</sup> não o impediu de fazer leituras de Marx, pelo contrário, ele afirma que, “[...] quanto mais lia Marx, tanto mais encontrei uma fundamentação objetiva para continuar camarada de Cristo [...] as leituras de Marx não me sugerem jamais que eu deixasse de encontrar Cristo na esquina das próprias favelas. Assim, eu fiquei com Marx na mundanidade a procura de Cristo na transcendentalidade”. Oliveira (1995, p.2) destaca que:

Freire nos mostra o caráter dialético de como trata a questão, do teórico ao prático e do prático ao teórico. Da posição teórica cristã a uma realidade social de classe e desta ao referencial teórico de classe Marxista, bem como de Marx aos evangelhos cristãos. Freire já naquela época chama atenção para a necessidade da releitura de Marx e do evangelho cristão e da não contradição entre o Cristianismo e o Marxismo.

O projeto educacional freireano é político-libertador e conforme diz Frei Betto (1985, p. 61-62), a consciência política é um processo biográfico, histórico, coletivo e bíblico revolucionário; ou seja, o “ato de criação do Deus da Bíblia é histórico, e não instantâneo”, ao mesmo tempo que, para Freire

---

<sup>2</sup> Entrevista concedida ao jornal da TV PUC-SP disponível via “vídeo/paulo-freire-memoriã”.

(1983b) é uma leitura crítica do real na qual a igreja profética com pressupostos da Teologia da Libertação na América Latina tem o papel educacional de crítica à igreja tradicional pela ausência coerente ao Evangelho por ser conquistadora de almas, reforçar a alienação do trabalho humano e se constituir em salvadora dos pecadores.

Nesta perspectiva, segundo Oliveira (2003) a igreja profética tem um novo papel político; já que, de romper com a visão mitificada da consciência metafísica-alienada-neutra e estabelecer a visão dialética-histórica-ativa de classe com o povo livre. Dessa maneira, “ser cristão não significa necessariamente ser reacionário, como ser revolucionário não significa ser 'demoníaco'. Ser revolucionário significa estar contra a opressão, contra a exploração, em favor da libertação das classes oprimidas, em termos concretos e não em termos idealistas” (FREIRE, 1983b, p. 91).

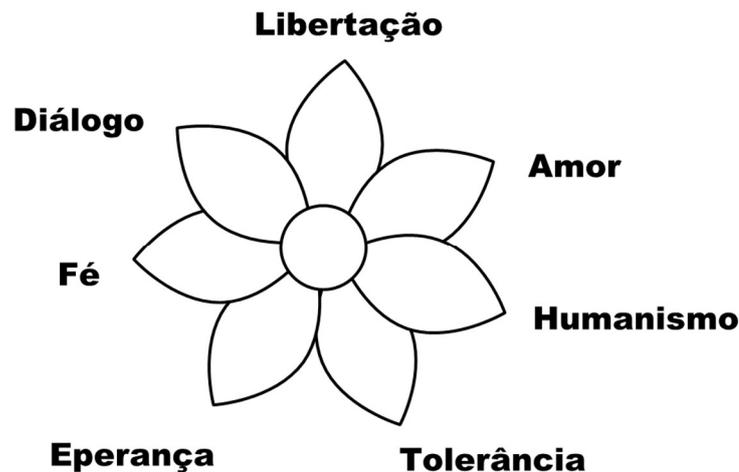
Para Freire (1983b) a igreja profética tem que ser igual Cristo andarilha, renascente e superando as contradições sociais das classes oprimidas e efetivando uma nova prática de forma dialética e histórica do povo. Da mesma forma precisa ser a educação; isto é, uma prática libertadora que se contraponha à prática educativa tradicional. Essa caminhada é compreendida por Freire como um:

‘fazer caminho’ de quem toma a história em suas mãos, realizando-a e realizando-se nela. Um ‘caminhar’ que é, substancialmente, uma ‘Travessia’ necessária, em que têm de ‘morrer’ como classe oprimida para renascer como classe que se liberta. Porém esta travessia ‘Páscoa’ [...] não se pode realizar ‘dentro’ da sua consciência, mas sim na História (FREIRE, 1978, p. 22).

Freire traz em sua fala o conceito cristão de Páscoa, como travessia para o renascimento e a libertação. É neste sentido, que destaca o papel da igreja profética da Teologia da Libertação. “A igreja profética não é aquela que, ao modernizar-se, conserva, estabiliza-se, adapta-se. Cristo não foi conservador. Como Ele, a igreja profética tem que desatar a andar, pôr-se constantemente a caminho, morrendo sempre para um contínuo renascer. Para ser, tem que estar sendo” (FREIRE, 1978, p.43).

Para Fleuri e Freire (2008, p.5) a igreja profética é “utópica, no sentido em que é denunciante e anunciante, engajando-se na transformação do mundo”. Nesta mesma perspectiva, Paulo Freire vê a educação, como crítica e problematizadora, denunciando as opressões sociais e educacionais e anunciante de uma nova educação humanizadora e libertadora, em busca do sonho possível de uma sociedade mais justa, igualitária e humana. Assim, como diz Oliveira (2003) Freire possibilita, por meio de sua educação, a compreensão dos vínculos teórico-práticos de aproximação entre o cristianismo e o marxismo da Teologia da Libertação anunciando uma prática educativa humanizadora, dialógica e crítica.

## Espiritualidade na Educação de Paulo Freire



Fonte: Autoria própria, a partir da leitura de Freire (2018; 2013; 2011; 2000; 1997; 1983a; 1983b; 1981; 1979).

Paulo Freire (1978) afastou-se da igreja, porém nunca de Deus e de ser católico durante um ano e regressou após leitura de intelectuais humanistas cristãos, entre os quais Tristão de Ataíde e Maritain. Em outro momento, em seu exílio no Chile, “incomodado com o apoio da Igreja com práticas autoritárias, fez com que a família deixasse de frequentar as missas aos domingos e solicitou a um amigo padre, que rezasse a missa em sua residência, para a família” (DULLO, 2014, p. 52).

Freire (2000), então, defendia o cristianismo na concepção da Teologia da Libertação em defesa dos oprimidos, buscando uma teologia humanista, com um novo renascimento do sujeito, como ser de conhecimento, histórico e social, capaz de transformar a realidade social.

### Espiritualidade na Educação de bell hooks

Gloria Jean Watkins nasceu em 1952, no sul dos Estados Unidos da América, em Hopkinsville, uma pequena cidade segregada racialmente no estado do Kentucky. Viveu a segregação e o processo de dessegregação racial no ambiente escolar e acadêmico. Participe de uma intelectualidade ativista, feminista e antirracista estadunidense, adotou o pseudônimo de “bell hooks” em homenagem à bisavó “Bell Blair Hooks”, escrito em letras minúsculas evidenciando a importância da obra e não a autoria como sugerido por ela. Tornou-se professora, escritora e ativista. A sua escrita peculiar, nos faz caminhar por entre histórias pessoais, literatura, músicas, filmes, ensaios, pesquisas científicas, com intuito de nos aproximar de suas “humanidades”, facilitando o entendimento do entrelaçamento entre teoria e prática que conforma sua pedagogia crítica feminista, antirracista e libertadora. Faleceu na cidade de Berea, no estado do Kentucky em 15 de dezembro de 2021 (HOOKS, 2017; 2019; 2020; 2022a; 2022b).

Desde pequena, estive envolvida em uma educação à moda antiga, na qual crianças deviam ser vistas e não ouvidas. Neste contexto, ser mulher significou um desafio ainda maior para bell hooks, pois nascer criança menina em uma família patriarcal implicava submissão, punição e silenciamento.

Para construir a minha voz, eu tinha que falar, me ouvir falar – e falar foi o que fiz –, lançando-me pra dentro e para fora de conversas e diálogos de gente grande, respondendo a perguntas que não eram dirigidas a mim, fazendo perguntas sem-fim, discursando. Nem preciso dizer que as punições para esses atos discursivos pareciam infinitas. Elas tinham o propósito de me silenciar – a criança, mais particularmente a criança menina. Se eu fosse um menino, eles teriam me encorajado a falar, acreditando que assim, algum dia, eu poderia ser chamado para pregar. Não havia nenhum ‘chamado’ para garotas falantes, nenhum discurso recompensado e legitimado. As punições que eu recebia por ‘erguer a voz’ pretendiam reprimir qualquer possibilidade de criar minha própria fala. Aquela fala deveria ser reprimida para que a ‘fala correta da feminilidade’ emergisse (HOOKS, 2019, p.32).

Nascida em uma família patriarcal de classe trabalhadora, atreveu-se a desafiar as oportunidades de existência para mulheres negras que à época restringiam-se ao casamento, ao trabalho doméstico e ao ensino em escolas. A sua “devoção ao estudo, à vida do intelecto, era um ato contra-hegemônico, um modo fundamental de resistir a todas as estratégias de colonização do sistema patriarcado supremacista branco capitalista imperialista” (HOOKS, 2017, p.10).

Como estudante, passou pelas universidades de Stanford, Wisconsin e Califórnia. Lecionou nas universidades de Yale, do Sul da Califórnia, Oberlin College e New School, entre outras. Com formação acadêmica e docência inicial em literatura inglesa, exerceu o ensino em diversas áreas de estudo: étnicos, afro-estadunidenses e de mulheres, com ênfase na tríade raça, gênero e classe, no feminismo e nas mulheres negras (HOOKS, 2022a).

Filha de cristãos fundamentalistas, bell hooks recorda que sua alma foi tocada pela dimensão mística da fé cristã, na Igreja Batista Virginia Street, em meio a tanto sofrimento e opressão, vivenciados e testemunhados durante a segregação racial e por ocasião da luta antirracista por direitos civis nos EUA.

Nessa experiência, percebeu a existência de uma força espiritual proporcionadora de êxtase transcendente e de paz profunda, capaz de elevar e libertar o espírito, garantindo a integridade do ser:

quando menina, tocada pelas dimensões místicas da fé cristã, senti a presença do Amado em meu coração: a unicidade da vida. Naquela época, em que eu não havia aprendido a linguagem certa, sabia apenas que, apesar dos problemas do mundo, do sofrimento, que eu testemunhava ao meu redor e dentro de mim, haveria sempre uma força espiritual disponível, que poderia me elevar mais alto, que poderia me proporcionar momentos de êxtase transcendente durante os quais eu conseguiria renunciar a todos os pensamentos sobre o mundo e conhecer a paz profunda (HOOKS, 2021, p. 242).

Ao se mudar do Kentucky para a Califórnia para estudar na Universidade de Stanford, bell hooks se sentiu, inicialmente, imersa em um deserto espiritual intenso pois a vida acadêmica preconizava

o abandono do mundo interior e a educação convencional ensinava que a desconexão é natural ao ser, contribuindo para a sensação de não pertencimento e desconexão:

quando deixei nosso familiar modo sulista de viver e de ser para frequentar uma faculdade na costa oeste, fui inicialmente imersa em um deserto espiritual tão intenso que me deu a sensação de que eu tinha sido estilhaçada e nunca mais me sentiria inteira de novo. Ao contrário do medo que meu pai e minha mãe nutriam pela Babilônia, esse deserto, esse tempo no deserto, me levou à religião em vez de me distanciar dela. Eu esperava encontrar, na intimidade com o espírito divino, uma fonte de clareza que me ancoraria enquanto eu abria a cabeça e o coração para acolher tantas ideias e hábitos novos em relação ao ser com que me deparava (HOOKS, 2021, p. 264).

Em busca de uma base espiritual que sustentasse sua alma, bell hooks rezava na igreja de Stanford para fortalecimento de sua fé. Aos poucos se libertou do cristianismo rigoroso de sua criação e mergulhou na poesia do misticismo islâmico e depois no budismo; teve seu primeiro contato com a “meditação transcendental” ainda na graduação (HOOKS, 2021).

Sobre sua experiência universitária escreveu:

para muitos estudantes inteligentes de origens marcadas pela marginalização por raça, classe, geografia, orientação sexual ou alguma combinação disso, a faculdade continua a ser um lugar de desconexão. Ao longo da minha experiência universitária, tanto nos anos de graduação quanto nos de pós-graduação, a espiritualidade era o lugar em que as conexões aconteciam para mim. E, mesmo se não houvesse qualquer palestra sobre espiritualidade em Stanford, as portas abertas da igreja me ofereciam uma constante validação do lugar do sagrado na educação (HOOKS, 2021, p. 266).

Como teórica feminista bell hooks declarou que a religião patriarcal fundamentalista foi e ainda é uma barreira que impede que o pensamento e a prática feminista se espalhem (HOOKS, 2018). O livro “O Feminismo é para Todo Mundo: políticas arrebatadoras”, lançado no Brasil em 2018, traz um ensaio intitulado “Espiritualidade Feminina” no qual a autora teceu críticas contundentes à religião patriarcal que, ao adotar o dualismo metafísico ocidental – o pressuposto de que o mundo sempre pode ser compreendido por categorias binárias, que há um inferior e um superior, um bem e um mal – alterou a natureza da adoração religiosa em todo território estadunidense, fundamentando ideologicamente todas as formas de opressão de grupos, sexismo, racismo, etc. Entretanto, se propunha a enxergar a conexão entre desafiar a religião patriarcal e o advento de uma espiritualidade libertadora onde as mulheres pudessem reconciliar sua política feminista e o compromisso com a prática cristã.

Para bell hooks (2018, p. 112):

quando feministas cristãs começaram a apresentar novas, ainda que cristãs, críticas fundamentadas na criação e em interpretações da Bíblia, as mulheres foram capazes de reconciliar sua política feminista e o compromisso com a prática cristã. No entanto, essas ativistas ainda precisam organizar completamente um movimento que aborde as multidões de fiéis cristãos, convertendo-os ao entendimento de que não é necessário existir conflito entre feminismo e espiritualidade cristã. O mesmo se aplica às feministas

judias, budistas, muçulmanas, etc. Até que isso aconteça, religiões patriarcais organizadas sempre destruirão as conquistas femininas.

No livro “Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança”, publicado no Brasil em 2021, ao tratar de questões espirituais na sala de aula, bell hooks nos adverte que religião e espiritualidade não são sinônimos, necessitando ser devidamente definidas por educadores que desejam entender como trazer a espiritualidade para o ensino e a aprendizagem sem trazer com ela a religião (HOOKS, 2021).

Influenciada pelo budismo tibetano de Tenzin Gyatso, o atual Dalai Lama, bell hooks incorporou em seus escritos a noção de espiritualidade como “qualidades do espírito humano –tais como amor e compaixão, paciência, tolerância, capacidade de perdoar, contentamento, noção de reponsabilidade, noção de harmonia – que trazem felicidade tanto para a própria pessoa quanto para os outros” (DALAI LAMA, apud, HOOKS, 2020, p. 224).

Por outro lado, concebeu a religião como pertencente à crença no direito à salvação pregada por qualquer tradição de fé e relacionada à ensinamentos ou dogmas religiosos (HOOKS, 2020; 2021).

É importante destacar que, segundo Dalai Lama, ritual e oração juntamente com as questões de nirvana e salvação são qualidades interiores que qualquer ser humano pode desenvolver sem recorrer a qualquer sistema religioso ou metafísico. Nesta visão, talvez a religião possa ser dispensada, porém as qualidades do espírito humano precisam permanecer e orientar a existência (HOOKS, 2021).

Neste sentido, bell hooks (2021, p. 244) sugere que a espiritualidade ilumina a existência humana para a recuperação da integridade do ser conformando a libertação como uma tarefa essencialmente espiritual:

comecei a usar essa visão de autocura espiritual em relação à recuperação política de pessoas colonizadas e oprimidas. Fiz isso para enxergar os pontos de convergência entre o esforço de viver no espírito e o esforço de povos oprimidos para renovar o espírito, para se reencontrar em um lugar de sofrimento e resistência.

De fato, o que bell hooks nos apresenta é uma espiritualidade que abre espaço para questionamentos sobre antiquados sistemas de crenças, amplia o diálogo para a criação de novos caminhos e expande nosso viver em comunhão de forma a honrar os ecossistemas que mantém a vida (HOOKS, 2020; 2021).

De acordo com a autora:

A espiritualidade feminista criou um espaço para todo mundo questionar antiquados sistemas de crenças e criar novos caminhos. Representar deus de diversas maneiras, restaurar nosso respeito pelo sagrado feminino tem nos ajudado a encontrar maneiras de afirmar e/ou reafirmar a importância da vida espiritual. Identificar a libertação de qualquer forma de dominação e opressão como uma tarefa essencialmente espiritual nos leva de volta a uma espiritualidade que une a prática espiritual com nossas lutas por justiça e libertação. Uma visão feminista de realização espiritual é naturalmente a fundação de uma vida espiritual autêntica (HOOKS, 2018, p. 84).

Com essa concepção de espiritualidade, a estudante bell hooks adentrou a pós-graduação em busca de um lugar para a prática espiritual na educação, conforme escreveu: “eu queria que houvesse lugar em minha vida para a teoria e política tanto quanto para a prática espiritual. Eu buscava um espaço de encontro entre elas” (HOOKS, 2021, p. 243).

Todavia, reitera que a maioria dos professores com os quais ousou tratar da questão da espiritualidade na educação e das questões relacionadas à Deus, defendia a manutenção das conversas espirituais fora da sala de aula em respeito aos educandos ateus que poderiam se sentir silenciados e/ou excluídos (HOOKS, 2021).

Mesmo assim, concentrava-se na inevitável presença da espiritualidade na sala de aula, “quando abordo a questão sobre haver ou não espaço para Deus em sala de aula, concentro-me na importância da espiritualidade na vida diária. E, uma vez que a sala de aula é parte da vida diária, a espiritualidade está ali presente conosco. Religião e espiritualidade não são a mesma coisa” (HOOKS, 2020, p. 224).

Por compreender que a questão espiritual na educação suscita tensão na prática docente e no processo de aprendizagem, bell hooks recorrentemente amidiava: “a menos que uma aula tenha foco especificamente em religião, manter a sala livre de afiliações e dogmas específicos é importante quando estamos trabalhando para criar uma comunidade de aprendizagem” (HOOKS, 2020, p. 223-224).

Contudo, a luta para libertar a educação das artimanhas da colonização e da cultura do dominador, inclui nutrir o espírito e evocar uma ética amorosa “arraigada no acolhimento do espírito” (HOOKS, 2021, p. 273).

Conforme a autora:

quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. A pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar os alunos. Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo (HOOKS, 2017, p. 35).

Para bell hooks, a espiritualidade enquanto qualidades do espírito humano permite aos educadores e educandos reconhecerem a natureza interligada da vida, orientando uma forma de viver – pensar e agir – que enobrece a interconexão e simbiose e possibilita a construção de uma comunidade intercultural eticamente implicada com o bem viver. E, onde se deseja construir comunidade e viver em comunhão, é imprescindível reconhecer e abraçar as diferenças:

esses pensamentos vêm até nós, que procuramos de verdade abraçar a comunidade, buscando viver em comunhão com o mundo à nossa volta. Infelizmente, aceitar a diversidade humana significa que devemos encontrar um jeito de nos conectar de forma positiva com pessoas que expressam sentimentos preconceituosos, até mesmo de ódio. Ao nos comprometermos a construir uma comunidade, somos chamados a um pacto de amor, de estender essa comunhão até mesmo quando enfrentamos a rejeição. Não somos chamados a fazer as pazes com o abuso; somos chamados a ser promotores da paz (HOOKS, 2022b, p. 112).

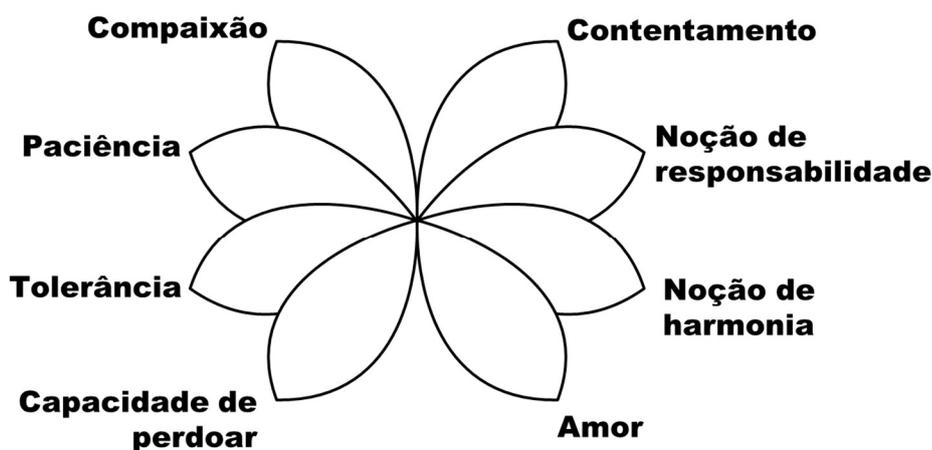
Desta forma, abordar a educação como prática de liberdade a partir da pedagogia engajada de bell hooks, pressupõe admitir para nós mesmos que a educação está relacionada com cura, totalidade, empoderamento, libertação, transcendência, comunhão, paz e amor (HOOKS, 2020).

É a educação voltada para a manutenção da integridade do ser humano, um modo de educar iluminado pelas “qualidades do espírito humano – tais como amor e compaixão, paciência, tolerância, capacidade de perdoar, contentamento, noção de reponsabilidade, noção de harmonia” (DALAI LAMA, apud, HOOKS, 2020, p. 224) e permeado pela alma (HOOKS, 2020; 2021).

No projeto pedagógico da educadora:

o sentido na raiz da palavra ‘integridade’ é inteireza. Assim a pedagogia engajada cria uma sala de aula onde estar inteiro é bem-vindo, e os estudantes podem ser honestos, até mesmo radicalmente abertos. Podem nomear os medos, expor sua resistência a pensar, expressar-se e honrar os momentos em que tudo se conecta e aprendizado coletivo acontece. Sempre que o aprendizado genuíno acontece, as condições para a autorrealização estão estabelecidas, mesmo quando não é esse o objetivo do nosso processo de ensino (HOOKS, 2020, p. 49).

### Espiritualidade na Educação de bell hooks



Fonte: Autoria própria, a partir da leitura de hooks(2020; 2021).

Destarte, garantir espaço para a espiritualidade na sala de aula suscita transformar a educação para que ela honre as necessidades do espírito, sendo necessário conectar o trabalho interno de encontrar o próprio eu com o trabalho externo de aprender e nesse processo de aprendizagem encontrar e reivindicar quem somos e o nosso lugar no mundo (HOOKS, 2020).

Decerto:

para a maioria de nós, a espiritualidade é prática, é a maneira como vivemos no mundo e como nos relacionamos com o eu e com os outros. Quando conseguimos que a atenção plena e consciente e consciente funcione dentro da sala de aula, com frequência nossa experiência é extasiante. Tudo flui maravilhosamente e o aprendizado acontece

para todo mundo. Sei que isso está acontecendo quando estudantes não querem que a aula termine, quando o debate que começou em sala de aula continua nos corredores, nos dormitórios e nas ruas. Em momentos assim, sinto-me na presença do sagrado. Esses momentos não são comuns. São diferentes daqueles dias em que temos uma aula 'boa'. É quando o aprendizado coletivo acontece que surge a sensação de espírito comunal (HOOKS, 2020, p. 227).

Se como estudante universitária bell hooks buscava maneiras de honrar o espírito, o sagrado no cerne do saber, do ensino e do aprendizado, como educadora orientou suas práticas docentes no intuito de afirmar que a espiritualidade pertence à sala de aula: “para mim, a sala de aula continua a ser um espaço onde o paraíso pode ser concretizado, um lugar de paixão e possibilidade; um lugar onde o espírito tem valor, onde tudo o que aprendemos e tudo o que sabemos nos leva a uma conexão ainda maior, a uma compreensão maior da vida em comunidade” (HOOKS, 2020, p. 228).

O projeto pedagógico de bell hooks desenvolveu-se fortemente influenciado pela pedagogia crítica do educador brasileiro Paulo Freire e pela filosofia do budismo engajado do monge budista vietnamita Thich Nhat Hanh. Neste sentido, a pedagogia engajada da autora considera que o trabalho docente acarreta participação no crescimento intelectual e espiritual do educando, no qual o conhecimento é um trabalho coletivo, fundamentado na ação e reflexão sobre o mundo (HOOKS, 2017). Concerne à “uma estratégia de ensino que tem por objetivo recuperar a vontade dos estudantes de pensar e a vontade de alcançar a total autorrealização. O foco central da pedagogia engajada é capacitar estudantes para pensar criticamente” (HOOKS, 2020, p. 33).

Na pedagogia engajada de bell hooks, “o pensamento crítico é um processo interativo, que exige participação tanto do professor quanto dos estudantes” (HOOKS, 2020, p. 34). Por fim, a práxis pedagógica da educadora evidencia a integridade, a inteireza do ser, uma união de mente, corpo e espírito e orienta para a construção de uma comunidade pedagógica onde se ensina e se aprende a viver com esperança e amor.

### **Considerações Finais**

Neste artigo foi analisada a espiritualidade na educação em Paulo Freire e bell hooks por meio de uma pesquisa bibliográfica que tem como fundamentação teórica: Freire, hooks, Oliveira, Boff, Dullo, entre outros.

Observou-se, no desenvolvimento do estudo, que Paulo Freire e bell hooks, conformam projetos pedagógicos com semelhanças e diferenças, atravessados pelas experiências religiosas e espirituais que experimentaram, trazendo a espiritualidade para o contexto educacional, situando a educação enquanto um processo de libertação que nutre o crescimento intelectual e espiritual de educadores e educandos.

Na educação de Paulo Freire a espiritualidade apresenta-se na perspectiva cristã, através do amor, do diálogo e da esperança como atitude ética de humanização e do respeito ao outro, como também, dialético marxista com ênfase na história, na práxis e na alienação, interligados com a Teologia da Libertação evidenciados por meio ato gnosiológico e político, que se dimensiona na ação da igreja, a afirmação e o engajamento político com os oprimidos e os pobres.

Em bell hooks temos uma espiritualidade educacional de base cristã e budista que inclui a compaixão, a paciência, a tolerância, a capacidade de perdoar, a noção de responsabilidade e amor, qualidades do espírito humano que ampliam o diálogo para criação de novos caminhos, expansão do viver em comunhão e possibilitadoras da construção de uma comunidade pedagógica intercultural eticamente implicada com o bem viver.

## REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo. **Ethos Mundial** : um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro : Sextante, 2003.
- DULLO, Eduardo. **Paulo Freire, o Testemunho e a Pedagogia Católica**: a ação histórica contra o fatalismo. RBCS Vol. 29, nº 85, junho, 2014.
- FLEURI, R.M.; FREIRE, PAULO. **REINVENTAR O PRESENTE pois o Amanhã se Faz na Transformação do Hoje**. Fortaleza: edições UFC, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Os Cristãos e a Libertação dos Oprimidos**. Edições Base, 1978. Disponível em: file:///C:/Users/franc/Downloads/FPF\_OPF\_08\_002.pdf. Acesso em 20 de março de 2023.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Libertação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983a.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983b.
- FREIRE, Paulo; BETTO, Frei. **Essa Escola Chamada Vida**. São Paulo: Ática, 1985.
- FREIRE, Paulo. **Entrevista Concedida a TV PUC-SP, 1997**. Disponível em: <<http://j.pucsp.br/video/paulo-freire-memoram>>. Acesso em 20 março de 2023.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. **À sombra desta Mangueira**. São Paulo: Olho D'Água, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Medo e Ousadia**: o cotidiano o professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008.
- HOOKS Bell. **Ensinando a Transgredir**. A Educação como Prática da Liberdade. São Paulo: Editora WFM Martins Fontes, 2017.
- HOOKS, Bell. **O Feminismo é para Todo Mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- HOOKS, Bell. **Erguer a Voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante: 2019.
- HOOKS, Bell. **Ensinando o Pensamento Crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.
- HOOKS, Bell. **Ensinando Comunidade**: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.
- HOOKS, Bell. **Escrever além da Raça**: teoria e prática. São Paulo: Elefante, 2022a.
- HOOKS, Bell. **Pertencimento**: uma cultura do lugar. São Paulo: Elefante, 2022b.
- JORGE, J. S. **Sem Ódio nem Violência**: a perspectiva da libertação segundo Paulo Freire. São Paulo: Loyola, 1981.
- LEITE, Lígia. "Encontro com Paulo Freire". In: **Educação e Sociedade**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1979.
- LÖWY, Michael. **Marxismo e Teologia da Libertação**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1991.
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. O Discurso Educacional Freireano e a Teologia da Libertação. **Revista Cuira**. Ano V. Nº 14 e 15. Belém-Pa: UNIPPOP. Abril/Maio, 1995.
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Leituras Freireanas sobre Educação**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. A Educação Humanista de Paulo Freire. In: DICKMANN, Ivo; DICKMANN, Ivanio (Orgs.). **100 anos com Paulo Freire**. Chapecó-SC, Livrologia, 2021.
- RODRIGUES, Denise de Souza Simões et al. A religiosidade como manifestação humana e cultural. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (Org.). **Cartografia de saberes**: representações sobre religiosidade em práticas educativas populares. Belém-PA: EDUEPA, 2008.

*Recebido em: 26 de março de 2023.  
Aprovado em: 20 de maio de 2023.*